

O movimento tipográfico

Os governos jogam sempre com um pau de dois bicos. Quando, por qualquer circunstância, decretam uma lei beneficiando os trabalhadores, fazem-no de uma maneira dúbia, procurando captar as simpatias dos oprimidos e não escandalizar os opressores, sem caracter nem educação. Assim, falando sobre a lei das oito horas de trabalho na indústria tipográfica, vemos que a lei aprovada pelos poderes constituidos trouxe-nos uma porta falsa. É verdade que a supracitada lei diz-nos no seu artigo 7.º que os contractos e usos estabelecidos nas oficinas não podem ser revogados; mas também não é menos verdadeiro que as autoridades, a quem compete velar pelo cumprimento integral das disposições do decreto, tem descurado o assunto, mostrando-se inclinadas a não fazerem caso da doutrina do diploma cautionado pelas camaras legislativas, que, por politica se collocaram ao lado dos interessados. A lei das oito horas nas indústrias intoxicantes é um facto. Porém, os industriais, como não podem negar essa regalia, procuram, num gesto de rebeldia e de ganância, anular esse beneficio. Como? Impondo aos seus empregados um abtimento de 20 p. c. nos seus chorudos ordenados. O artigo 7.º da celebre lei não permite semelhante atrocidade, a não ser por *acordo expresso dos operários*. Ora na luta simpática dos tipógrafos não há, porque não podia haver, esse accordo, mas sim existe a ameaça, a perseguição desenfreada, para que se rendam pela fome, obrigando-os à violència contra aquêles que, não compreendendo os seus deveres, traíam o movimento de reivindicação de tantos anos, prejudicando os que já conquistaram tão justas regalias e os que estão em vésperas de as conseguirem.

Se, de facto, os legisladores, o governo e as autoridades tivessem em vista beneficiar a valer os operários, não consentiam que os exploradores persistissem em reduzir aos salários irrisórios 20 p. c., quando a lei não o permite. Chamariam os industriais á ordem, obrigando-os a cumprir imediatamente a lei, e no caso contrário, isto é, de resistência, passariam os estabelecimentos tipográficos dos delinquentes a serem administrados pelo Estado.

Não podemos conceber que as autoridades e os governos só tenham a força para lacrarem arbitrariamente as cooperativas operárias. Não podemos admitir que os governos e as autoridades só tenham força para perseguirem aquêles que lutam por uma vantagem concedida por lei; para impedirem que uma classe laboriosa e roubada infamemente nos seus interesses se reúna fóra da séde da sua associação, quando permitem que os industriais se intentam e conspirem contra essa lei da república, que dizem respeitá-la numa colectividade que não é a sua. Não compreendemos, mercê talvez da nossa pouca pratica, da nossa fraca intelligência politica, que as autoridades administrativas, ou antes, governativas do distrito sejam magnates nas mãos do governador civil substituto, que, por solidariedade familiar, defende os caprichos do seu irmão Lelo, quebrando assim a sua independência moral e pacificadora, que, se a houvesse, o problema já estava resolvido a estas horas.

Os industriais tipográficos é que são os verdadeiros desordeiros. Todos os factos anormais que se venham a dar, devem ser lhes atribuidos. Os donos das litografias não tiveram pejo em conferenciar, junto do chefe do distrito, com os seus operários de cuja conferência resultou um accordo, quer dizer, o cumprimento da lei das 8 horas nas artes gráficas, sem diminuição de ordenados. Os patrões das tipografias, mais avários, mais infames e reles exploradores da sua industria, estupidamente viciados, rejeitaram um entendimento com o seu pessoal proposto pela primeira autoridade cá do burgo, desrespeito que ele não com-

preendeu. O prolongamento desta situação a quem se deve, portanto? As autoridades, que não sabem fazer cumprir uma lei dimanada dos altos poderes do Estado, permitindo que os sanguessugas, os espesinhadores de crianças queiram reduzir ao salário, quando ela o não consente, porque a tal consentir, não era beneficio nenhum, mas simplesmente uma burla. Ao governo por que não castiga os seus subordinados que se riem d'ele, que calcam aos pés as suas ordens, o diário official... Eis a verdade. Mas o que lastimamos, todavia, é que a classe tipográfica não esteja bem preparada para uma luta directa entre operários e patrões, só accordando ao estrondo de um decreto de que não querem fazer caso. Porque se estivesse educada revolucionariamente, quando os patrões impuzeram as reduções de 20 p. c., ela apresentava uma tabela de preços.

Os industriais proclamavam o salário hora, e os trabalhadores gráficos não rejeitavam o salário hora, mas com o mínimo de 140 ou 160 reis p. r hora para os officiaes, com o mínimo de 60 ou 80 reis para os meios officiaes, etc. E depois não havia razão de queixa; o Estado dava 8 horas, fazia esse particular favor; os operários, animados por isso, impunham uma tabela reguladora de preços. E porque não? O mercieiro aumenta descaradamente o preço aos gêneros, sob qualquer pretexto. A propósito da guerra tudo aumentou de preço: pão, farinha, alugueis, fazendas, papel, tintas. Porque razão os trabalhadores não podem subir ao aluguer dos seus seus braços?

São tudo anormalidades, e não lhes assiste o direito de nos vir dizer hypocritamente que somos antipatriotas, porque nesse caso os verdadeiros antipatriotas são os governos que complicam os impostos, os açambarcadores que nos roubam, os mercieiros que nos levam o ultimo seitel; são, enfim, todos os detentores da riqueza social...

Não sabemos em que pé ficará a questão. Temos, no entanto, quase a certeza que os tipógrafos não se hão de deixar curvar sendeirescamente, porque seria a sua propria ruina. Bem adviñhamos que eles tem muitos inimigos ocultos, que talvez a seu tempo venham a ser desmascarados vergonhosamente. Mas isso não é motivo para desalentos; antes pelo contrario: as circunstancias indicam que os trabalhadores tipográficos querem viver, educar-se, e, sobretudo, emancipar-se económica e politicamente.

E se as autoridades se obstinarem atrevidamente a adormecer ao embale fagueiro dos industriais, nada mais resta fazer aos gráficos do que continuarem na sua solidariedade, não accatando o roubo da redução, espalhando o fermento da revolta até aa dia em que, mais firmes, mais conhecedores do seu terreno proprio de acção, possam impôr uma tabela de preços, a regulamentação do apprendizado e, o que é sem tempo, a hygiene das oficinas. É a luta de classes.

O lock-out na litografia

Terminou na última quarta-feira, o lock-out declarado por alguns industriais, de solidariedade com o proprietário da litografia Nacional.

Como se sabe, nesta officina, o pessoal menor reclamou aumento de salário. Sendo-lhe negado, declarou-se em greve. O industrial pretendendo levar de vencida o seu intento, furando a greve, e não encontrando apoio no restante pessoal, despediu os impressores, solidarizando-se com eles os estampadores.

A classe apreciando a questão, deliberou auxiliar moral e materialmente os grevistas, enquanto durasse aquella sua situação. O industrial quando soube disto, foi aos infinitos. Então tratou de chamar os seus colgas para que eles, declarando o lock-out, privassem os operários daquele auxilio material. E os industriais assim o fizeram. Na última segunda feira con-

servaram as suas oficinas encerradas.

Depois das demarches do costume, na ultima terça-feira, reuniram-se numa sala do governo civil operários e patrões, sendo por aquelles apresentado a estes, o seguinte:

- 1.º Reclamações dos operários das oficinas em que foi declarado o lock-out sem que se cumprissem as disposições da lei do Direito de Greve, e extensivas a todos os litógrafos, com excepção do numero 2 para os operários da litografia «Nacional»;
- 2.º Solução honrosa e em harmonia com os principios de justiça, do conflito da litografia «Nacional», tendo por base a tabela de reclamações do pessoal menor da mesma officina, e admissão de todo o pessoal;
- 3.º Pagamento integral dos dias perdidos por effectos do lock-out;
- 4.º Não haver nem a minima perseguição, pressão ou violència sobre os operários das diferentes officinas;
- 5.º Estabelecimento immediato da jornada de 8 de trabalho, conforme determina a lei numero 291 e o decreto-lei numero 337 que a reforça no seu numero 3 do artigo 4.º;
- 6.º Não diminuição dos salários por effecto da execução da mesma lei, nem se prejudicar nenhuma das regalias anteriormente usufruidas;
- 7.º Reconhecimento da Associação de classe dos Litógrafos e consequente troca de correspondência entre esta Associação e a Associação dos Industriais Gráficos, ou entre a Associação dos Litógrafos e os patrões, individualmente;
- 8.º Tratamento correcto, digno e cavalheresco entre os operários e os patrões.

Porto, 31 de Agosto de 1915.
Discutidas largamente estas reclamações foram aprovadas, exceptuando o numero 2 que ficou assim redigido:

«Pagamento de um dia do lock-out.»

O proprietario da litografia «Nacional» apresentou na quarta-feira na séde da Associação dos Litógrafos um proposta de aumento de salários, a qual, conquanto não satisfizesse a assembleia, foi aceita transitoriamente.

Daqui saudamos essa Associação pela brilhante vitória que acaba de obter.

DOCUMENTOS

Os socialistas Bulgaros e a guerra

... Não que sobrevivemos a uma guerra, que nos campos de batalha tanta experiência ganhámos, estamos profundamente convencidos de que actualmente, nas trincheiras de Flandres, França, Polónia e Galicia amadurece o momento psicologico que a Internacional deve aproveitar sem demora, fazendo-se porta-voz, não só da aspiração geral á paz, mas também da indignação geral contra os culpados da carnificina e ainda da convicção geral de ser necessário pôr fim ás causas do morticínio. Temos sérias razões para lerer que, se a guerra se prolongar com igual éxito para os Estados hoje em luta, «os estaios do cesarismo, do imperialismo e do militarismo na Rússia e na Alemanha poderão acabar por estender a mão aos outros; e então a Europa ver-se-ia exposta á mais negra reacção.»

Ao estalar a guerra, esperamos que os partidos irmãos, em todos os países beligerantes, tomariam posição contra ella—única attitude justa e oportuna. Infelizmente, soffremos amarga desillusão. Sílvo duas excepções, Rússia e Sérvia todos os outros partidos, socialistas seguiram o imperialismo, justificando-se com affirmções até qui estranhas ao socialismo. Da nossa parte, todavia, não hesitamos em tomar posições contra o nosso Governo e contra a guerra. De todos os meios ao nosso alcance nos valemos para impedir a intervenção do nosso país; insistimos para que o nosso Governo entre em accordo com os países vizinhos sobre a base dos comuns interesses económicos e da defesa comum contra a escravização dos povos balcánicos; insistimos para que o nosso Governo—que se comprometeu a observar a mais estricte neutralidade em face desta guerra—se esforce junto dos outros países neutrais para procurarem de combinação os meios de levar os países beligerantes a desistirem da sangrenta luta.

Enormes, devemos confessá-lo, são as dificuldades que encontramos nesta obra, cujo intuito é salvar o país dos horrores duma nova guerra, que levaria á ruina completa do povo búlgaro e poderia mesmo extirpar-lhe a independência e a liberdade. Dada a sua posição geográfica e dada a importância estratégica que elle tem para os Estados beligerantes, o nosso país tornou-se a arena em que os agentes e emissários do Entendimento e da Aliança desenvolvem a maior actividade, esperando arrastá-lo para o incêndio geral.

Um grande obstáculo á nossa acção é a attitude dos nossos companheiros do Occidente e em particular dos companheiros de França e de Alemanha. Tudo quanto elles dizem e fazem é largamento explorado pelos nossos inimigos—os nacionalistas e os militaristas—para que diante das massas populares appareçamos (nós, os socialistas búlgaros) como inimigos da pátria e da nação. Nunca como agora os partidos socialistas dos países beligerantes proporcionaram tantas armas aos inimigos do socialismo internacional.

A despeito de todas estas difficuldades, prosseguimos resolutamente na nossa obra. Nunca tivemos as deliberações dos Congressos internacionais como manifestações encenadas para meter medo á burguesia; sempre as consideramos como expressão da longa experiência do proletariado, deduzida das suas lutas de classe, illuminada pelo método do socialismo scientifico. Por isso, aquelles decisões continuam para nós intac-

O Imperialismo moderno

III

Semelhantes processos exasperaram as ânsias de expansão dos capitalistas alemães, que viram que, continuando as coisas por esse caminho, nunca poderiam realizar os seus vastos planos de imperialismo económico, que, como os outros, elles tinham sonhado.

Levantaram então no país todo aquele grande movimento do pingernismo, cuja imensa corrente arrastou tudo na Alemanha, preparando o povo para a idea de guerra e fazendo-lhe acceitar os grandes sacrificios que lhe eram infligidos para criar no mar e em terra uma força armada capaz de impor respeito ás classes directoras de Inglaterra e França, que pretendiam reservar para si a supremacia mundial.

A França, Inglaterra e a Rússia fizeram o mesmo, e viram-se então os orçamentos de guerra inchar tanto, que os doutores da Economia Política deram o grito de alarme e prognosticaram que, se a guerra não fôsse declarada dentro de breve prazo, todos os Estados modernos corriam para um desastre lamentável.

Em França, surgiu o movimento do nacionalismo que ameaçou por um momento derribar a República de traficantes e vadios que a adorna; na Inglaterra, percorreu as ruas o mais desenfreado jingoismo, lançando-se a todos os ventos o *Rale, Britant!*; na Rússia, viu a luz o panslavismo, que afogou em sangue o movimento revolucionário nascente e afirmou que o sceptro do tsar devia governar sobre todos os povos de raça ou origem eslava.

Esquentaram-se assim as cabeças, os grandes rotativos receberam a missão de forjar a opinião pública para a levar a compreender o imperialismo, não já económico, mas sim politico e militar, e pouco a pouco os grandes povos da Europa se iam familiarizando tanto com a idea duma guerra inevitável, que todas as noites os pobres, quando se deitavam para repousar das suas fadigas, a si próprios perguntavam se não iam acordar na manhã seguinte com a declaração de guerra.

Entretanto, os pacifistas pré-gavam a paz e organizavam a arbitragem internacional...

Um dia uma chispa pegou fogo ao vulcão e as populações laboriosas desses grandes países encontraram, ao erguer da cama, a ordem de mobilização geral, sendo assim descaradamente convidadas a resolver pelas armas, não uma rixa entre duas dinastias adversas, como se fazia nos tempos bárbaros da antiguidade; ou da Idade Média, mas a questão de saber á qual dos dois grupos afazendados hã-de tocar maior saque, em forma

de novos mercados e novos territórios a explorar.

A concorrência desenfreada que os banqueiros, os industriais, os armadores, os negociantes de todos os países em guerra tem feito entre si nos diferentes povos do globo onde se tem encontrado, produziu o actual extermínio, que ameaça arrastar tudo; e assim se demonstra mais uma vez que as leis económicas que regem as sociedades capitalistas e em virtude das quais todo o qualquer grupo tende á preponderância sobre os demais, conduzem fatalmente, mais tarde ou mais cedo, á violència e á destruição.

É o *struggle for life* querião dos economistas burgueses, que vai do individuo ao grupo e deste á nação.

É indubitável que, se nós deixássemos apanhar nas hábeis rédes tecidas pela diplomacia, as potências que perdidamente assumem neste conflito o papel de vítimas nos provariam por A mais B que é a Alemanha a agressora, pois foi ella que declarou a guerra, achando-se portanto os Aliados em Estado de legítima defesa.

Não queremos nem poderíamos entrar no escabroso labirinto da diplomacia, pois nenhum profano se pode gabar de ter penetrado, muito ou pouco, nas chancelarias europeias. Reina ali o segredo mais perfeito e só se entregam á publicidade os documentos inofensivos ou os destinados a servir determinado fim. Sobre o resto, domina o mistério mais espesso.

Além disso, os diplomatas, pretenciosos, formalistas e atilados, são apenas, na realidade, agentes e corretores da plutocracia. Assim, pois, podemos tranquilamente desdenhar a intriga diplomática, que é o secundário, e manter-nos estritamente no terreno económico, que é o essencial.

Sob tal ponto de vista, não há lugar para o equívoco: a guerra era inevitável entre a França, Inglaterra e Rússia dum lado e a Alemanha e Austria do outro; ambos os grupos se tinham constituído bem manifestamente em agressores reciprocos. Afastando todo o cúmulo de mentiras convencionais, sofismas idealísticos e pilavreado tam oco como hipocrita, podemos redondamente afirmar, mantendo nos sempre no terreno dos factos, que, se os povos tam implacavelmente se exterminam nesta guerra, é só para assegurar o triunfo duma oligarquia capitalista.

O imperialismo económico e industrial tudo invadiu e poderá estar certos de que não será esta a sua última convulsão.

(Paris) DIONISIO NOR

tas e compromissórias, apesar da postura assumida, contra o manifesto significado delas, pelos representantes officiaes do proletariado na maior parte dos países beligerantes. Por outro lado, sabemos que o sentimento da solidariedade internacional entre o proletariado não é uma palavra vã e que não pode desvanecer-se por effecto de algum apêlo régio á paz entre as classes e a guerra entre os povos. Esta solidariedade é uma realidade criada pelas condições mesmas da produção capitalista e desenvolvida pelas necessidades vitais do proletariado. Este sentimento não morreu nos exércitos de trabalhadores que entre si se trucidam: está somente sufocado momentaneamente pelo nacionalismo artificialmente excitado com todos os meios de opressão moral e de terror fisico usados pela burguesia e pelo monarquismo. Estamos firmemente convencidos de que não tardará o despertar nas massas trabalhadoras—há já indícios disso—e que então o proletariado (antes de todos, o de França e Alemanha, que hoje se trucidam em proveito dos seus opressores e exploradores) voltará contra o Estado burguês, exautorado, desorganizado e exausto, as armas que lhe são hoje confidadas para a chacina.

Aqui, nos Balcans, não teriamos força para impedir a guerra, se o capitalismo internacional e balcânico achasse interesses em a desencadear e encontrasse os meios para isso. Mas, mesmo nesse caso, não procuraremos compromissos. Como partido do proletariado, permaneceremos adversários irreductiveis da guerra; jamais assumiremos correspondência nem na sua declaração nem na sua continuação.

Nestes sentimentos se inspira desde já a nossa acção. Fazemos uma enérgica agitação entre as massas operárias e populares contra a guerra e contra a politica aventureira e nacionalista da burguesia. Como meio para conservar a nossa independência politica e resolver as questões na-

cionais nos Balcans—as quais ficaram em suspensão—fazemos uma propaganda intensa e com éxito notável em favor da união dos povos balcánicos numa república Federal.

Com cuidado particular, desmascaramos as aspirações de conquista da politica «rusa e austro-germânica»; aspirações sérvias na Bulgária por numerosos agentes e, sob a tabuleta da russofilia ou da austrofilia, por todos os partidos burgueses e pequeno-burgueses.

A Comissão Executiva do Secretariado Socialista Internacional—que até agora, por uma razão ou por outra, se tem mantido inactivo—deve, se quer desempenhar o seu papel de renovador da Internacional, collocar-se no ponto de vista do *Internacionalismo* e da classe, tam claramente indicado nas resoluções dos nossos congressos, e deve evitar qualquer suspeita de sustentar a causa nacional deste ou daquele país beligerante.

Para esse fim, deve a Comissão procurar reunir em congresso os representantes de todos os países filiados na Internacional socialista; ou, se difficuldades invencíveis impossibilitam tal convênio, convocar apenas os representantes dos países neutrais.

A convocação dos congressos parciais na Suíça, na Dinamarca, na Inglaterra, só por iniciativa deste ou daquele partido, constitui apenas um passivo para a Comissão Executiva. Fazendo o melhor acolhimento ao pedido da Comissão quanto ao apoio financeiro, exprimimos a esperança de ver a mesma Comissão trabalhar enérgicamente pela reconstituição da Internacional.—Pela Comissão Central do Partido Operário Socialista da Bulgária—G. KIRKOW.

(Carta ao Secretariado Socialista Internacional. Os extractos acima são traducções do *Libertario*, de Spezia, n.º de 25 de Março).